Capítulo 55

O sistema da época moderna: o mercantilismo

Entende-se por mercantilismo o conjunto de idéias e práticas econômicas dominantes na Europa entre os séculos XV e XVIII, fase correspondente à transição do feudalismo ao capitalismo, portanto, à era de acumulação originária do capital. Trata-se da política econômica do capitalismo comercial.

A política mercantilista tinha como objetivo direto o fortalecimento do Estado, e indireto o enriquecimento da burguesia.

1. A prática econômica

O modelo inicial do mercantilismo foi a política econômica desenvolvida na Baixa Idade Média pelas cidades. Elas procuravam equilibrar oferta e procura, evitavam a concorrência intervindo na produção, estabeleciam preços máximos para os produtos agrícolas e mínimos para os industriais. Disso resultava um colonialismo urbano sobre a zona rural. Com a formação das monarquias nacionais, tais princípios se estenderam a todo o território.

Para dar força ao Estado e enriquecer a burguesia, tornava-se indispensável promover a expansão econômica que desse mais lucros e ampliasse a capacidade da população de pagar impostos. Considerava-se que não as trocas internas, mas aquelas realizadas com outras nações é que trariam vantagens e riquezas; assim, desenvolveu-se uma agressiva competição comercial. Para a agressividade, concorreu a idéia de que o conjunto das trocas mundiais era constante: se alguém aumentasse suas exportações, alguém teria de perder.

A acumulação de moedas dentro do país, o *metalismo*, era sinal concreto de que os objetivos tinham sido atingidos: mais exportação significava mais entrada de moedas. Houve, pois, uma identificação entre a riqueza do país e a quantidade de moedas em circulação. Adotaram-se medidas severas para evitar o extravasamento monetário para outros países.

A manutenção de uma *balança comercial favorável* foi o recurso encontrado para manter o saldo monetário: exportar mais e importar menos, garantindo o fluxo de moedas para dentro. Evidentemente, para o perfeito funcionamento da balança comercial, o Estado teria de adotar medidas intervencionistas, desenvolvendo o *monopólio*, direito exclusivo do monarca sobre a economia, na metrópole como na colônia. E para o perfeito funcionamento do monopólio, foi preciso adotar uma política *protecionista*, que se garantia com medidas fiscais, alfandegárias ou mesmo militares, como acontecia no combate ao contrabando nas colônias.

Monopólio e protecionismo eram aplicados com dificuldade, é claro, nas relações entre metrópoles européias; a colônia era o espaço ideal para se aplicar o esquema que mantinha a balança comercial favorável. Por esta razão, o *sistema colonial* tornou-se peça central da política mercantilista.

Partindo da idéia de que a acumulação maior de riqueza se fazia nas operações mercantis, todas as demais atividades ficaram condicionadas às necessidades do comércio exterior. Proibiu-se a importanção de produtos que concorressem com os nacionais. Proibiu-se a exportação de qualquer matéria-prima que servisse às indústrias estrangeiras concorrentes. Rebaixou-se o preço das matérias-primas e alimentos, bem como dos salários urbanos e rurais, de forma a aumentar a capacidade de competição internacional. Estimulou-se a natalidade, pois barateava a mão-de-obra e aumentava a força militar do país. Estimulou-se a emigração para as colônias, para dinamizar nelas a produção e o consumo. Praticou-se a importação de artesãos para aperfeiçoar o nível da produção nacional.

2. Os vários tipos

A prática variou de país para país, dando origem a diversos tipos de mercantilismo. O ponto-chave da variação foi a posse ou não de colônias e o tipo delas: se eram fornecedoras de metais ou especiarias, ou se eram simples colônias de povoamento.

Os espanhóis praticaram a forma clássica do mercantilismo, o *metalismo*. Senhores de colônias produtoras de metais preciosos na América, podiam importar os alimentos e artigos que quisessem; sua balança comercial seria sempre favorável, pois tinham as minas de metais. A longo

prazo, o procedimento foi desastroso, pois desestimulou a produção agrícola e industrial na Espanha. O país não se beneficiou da exploração das colônias; as vantagens ficaram para outros países, que se organizaram para extrair os metais da Espanha através do comércio.

A economia francesa até se ajustou à espanhola, desenvolvendo manufaturas de luxo para atender ao sofisticado mercado da Espanha e expandindo suas companhias de comércio e a construção naval. A política industrial francesa identificou-se com o ministro que mais a estimulou, Colbert, daí o termo *colbertismo* ser sinônimo de *mercantilismo industrial*.

Na Inglaterra, sem um grande império colonial e sem a tradição industrial de luxo da França, desenvolveu-se o *mercantilismo comercial*: comprar barato e vender caro, ganhar no frete, estimular a construção naval e formar companhias de comércio, como a das Índias Orientais, os Mercadores Aventureiros, a Companhia da Moscovia, a do Levante e outras.

Nas Províncias Unidas, desenvolveu-se um eficiente *mercantilismo comercial e industrial*. A Holanda ampliou a indústria naval, assumiu quase todo o tráfico marítimo internacional no século XVI, formou poderosas companhias de comércio e ergueu um centro financeiro em Amsterdã. As refinarias de Antuérpia lhe deram o monopólio de distribuição de açúcar no norte da Europa. As companhias de navegação garantiam o domínio dos mercados orientais de especiarias, apoiadas pelo Estado (com o qual se confundiam) e pelo Banco de Amsterdã, criado para financiá-las. A Companhia das Índias Orientais, criada em 1602, fez tanto sucesso que logo se multiplicaram os exemplos, principalmente na Inglaterra.

Na Alemanha, faltava um Estado para conduzir a política econômica. As ligas das cidades mercantis se organizaram para proteger seu comércio marítimo, agindo como intermediárias sobretudo no comércio de cereais da Europa Oriental para o Ocidente. Foi o *mercantilismo cameralista*.

Entre os países que aplicaram o mercantilismo, quem demonstrou maior sensibilidade foi Portugal. No século XVI, com a descoberta do caminho marítimo para as Índias, pôs em prática o *mercantilismo comercial*, comprando especiarias do Oriente e revendendo em Lisboa. Com o aumento da concorrência, concentrou-se no Brasil, onde se tornou pioneiro do *mercantilismo de plantagem*, baseado na produção tropical destinada ao mercado europeu. No século XVIII, com o descobrimento de ouro nas Minas Gerais, praticou o *mercantilismo metalista*. Com a crise do ouro, dinamizou as atividades industriais, visando abastecer o mercado brasileiro e diminuir as importações de outros países europeus. Inaugurou assim a fase do *mercantilismo industrial*. Havia uma diferença essencial: era uma indústria voltada ao abastecimento do mercado colonial, daí a produção de manufaturas rústicas.

3. O sistema colonial

O sistema colonial enquadra-se no capitalismo comercial e na política mercantilista. Conquista e exploração das colônias, eis o elemento essencial de tal política econômica. A colônia existe em função das necessidades metropolitanas e cumpre seu papel na medida em que contribui para a manutenção da balança comercial favorável, transferindo lucros para a burguesia mercantil e para o Estado. Sua exploração é regida pelo monopólio; ela é um centro exclusivo de exploração metropolitana. Sua economia deve ser complementar e jamais concorrer com a mãe-pátria.

Questões propostas

1. O que se entende por mercantilismo e com que fase histórica ele coincide?

2. Quais eram os objetivos direto e indireto da política mercantilista?

3. Quais são os elementos essenciais da prática mercantilista?

4. Como variava o mercantilismo? Resuma os vários tipos surgidos na Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Alemanha.

5. Que país teve maior sensibilidade para o mercantilismo? Comente.

6. Qual era a função básica da colônia?